

Ó PRESENCIAL, Ó REMOTO E Ó CAOS: *PEREZHIVANIE* DE UMA ESTUDANTE DE LETRAS

Fernando Silv3rio de LIMA

T3tima Ven3ncio de Paula MAPA

Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo: Neste artigo, temos por objetivo analisar como uma estudante de Letras constr3i narrativamente a experi3ncia universit3ria de aprendizagem em um cen3rio de transi3o de ensino presencial para remoto devido 3 pandemia de COVID-19. O referencial te3rico parte do conceito de perezhivanie (VYGOTSKY, 2019) na teoria hist3rico-cultural (VERESOV, 2017) em di3logo com estudos sobre a forma3o de professores na Linguística Aplicada. Os resultados revelam que o contexto pand3mico se apresenta intensamente como ambiente social local e mais amplo. Em termos de situa3o social, os eventos mais cr3ticos foram a dificuldade de adapta3o ao contexto de atividades remotas e online, as diferentes emo3es sentidas pelo prolongamento do isolamento social, bem como o desejo do retorno presencial e da vida universit3ria. A respeito da situa3o social de aprendizagem, a estudante sinaliza que apesar de tantos desafios e novidades, a sua viv3ncia ao cursar Letras n3o resultou na desist3ncia do curso, ainda que tenha gerado esgotamento, mas sinalizou a tomada de consci3ncia de como esses percalços dificultaram bastante sua trajet3ria universit3ria.

Palavras-Chave: Pandemia. Linguística Aplicada. Perezhivanie. Vygotsky.

THE IN-CLASS, THE REMOTE AND THE CHAOS: *PEREZHIVANIE* OF A LETRAS STUDENT

Abstract: In this paper, we aim to investigate how an undergraduate student of the Letras course elaborates through narrative her learning experiences at the university in a scenario from in-class to remote teaching due to the COVID-19 pandemic. The theoretical framework stems from the concept of perezhivanie (VYGOTSKY, 2019) in cultural-historical theory (VERESOV, 2017) in dialogue with studies on teacher education in Applied Linguistics. The results indicate that the pandemic context is intensely presented as a local and broader social environment. Regarding social situation, the most critical events were the struggle to adapt to the context of remote and online activities, the different emotions felt due to the extension of social distancing, as well as the desire to return to in-class activities and university life. Regarding the social situation of learning, the student indicates that despite so many challenges and novelties, the perezhivanie of studying Letras did not result in dropping out, even though it was exhausting. Instead, it

signaled her awareness of how these mishaps made her path more difficult during the university experience.

Keywords: Pandemic. Applied Linguistics. *Perezhivanie*. Vygotsky.

LO PRESENCIAL, LO REMOTO Y EL CAOS: *PEREZHIVANIE* DE UNA ESTUDIANTE DE LETRAS

Resumen: En este artículo nos proponemos analizar cómo una estudiante de Letras elabora narrativamente la experiencia de aprendizaje en la universidad en un escenario de transición de la enseñanza presencial a la remota debido a la pandemia del COVID-19. El marco teórico parte del concepto de *perezhivanie* (VYGOTSKY, 2019) en la teoría histórico-cultural (VERESOV, 2017) en diálogo con estudios sobre formación docente en Lingüística Aplicada. Los resultados revelan que el contexto pandémico se presenta intensamente como un entorno social local y más amplio. En cuanto a la situación social, los hechos más críticos fueron la dificultad de adaptarse al contexto de las actividades remotas y online, las diferentes emociones sentidas por la extensión del aislamiento social, así como el deseo de regresar a la vida presencial y universitaria. En cuanto a la situación de aprendizaje social, la alumna indica que a pesar de tantos desafíos y novedades, la *perezhivanie* de hacer Letras no resultó en su deserción del curso, aunque le generó agotamiento, pero sí le señaló que era consciente de cómo estos percances la hacían difícil trayectoria universitaria.

Palabras-clave: Pandemia. Lingüística Aplicada. *Perezhivanie*. Vygotsky.

INTRODUÇÃO

Ainda que o cenário pandêmico iniciado em 2020 tenha trazido inúmeros desafios para diferentes esferas da vida contemporânea (trabalho, educação, lazer e relações sociais em geral), muitas dessas esferas, por si só, já lidavam com outros desafios. Tomemos como exemplo o processo educativo. A necessidade do isolamento social fez com que muitos pais e mães estivessem mais próximos da disciplina escolar de seus filhos. Os professores, por sua vez, se viram diante da necessidade de elaborar alternativas para o que ficou conhecido como ensino remoto, muitas vezes sem o tempo necessário para preparar suas novas aulas ou aprender recursos mediadores dessas novas modalidades de ensino. Somemos a esse cenário o fato de essas pessoas terem uma vida pessoal, familiares e outras pessoas próximas para cuidarem (além de cuidarem de si mesmas). Antes da experiência pandêmica, tudo isso já estava lá, mas a novidade desse ambiente social amplificou as dificuldades acrescentando novas tarefas ao cotidiano.

Enquanto o mundo tentava compreender o que acontecia, os primeiros estudos foram apresentando cenários de como as pessoas estavam lidando com o cotidiano, e o panorama revelou que, no contexto educacional, por exemplo, o ensino remoto intensificou as horas de trabalho dos professores (BROCHADO, 2020), amplificando reações emocionais mais diversas como estresse, ansiedade e estafa (OLIVEIRA, 2020). E essas sensações estavam presentes também na vivência de muitos estudantes. Entre discentes e docentes, encontramos um grupo que mescla essas relações de maneira dinâmica e complexa: os estudantes de licenciatura. São estudantes que buscam o ensino superior em cursos que lhe possibilitarão trabalhar como professores. São estudantes que se preparam, estudam e se familiarizam com a atividade docente e seus desafios. São estudantes que estavam se aproximando da sala de aula antes que o formato não presencial se tornasse necessário frente ao cenário de isolamento social.

A presente pesquisa considera este grupo em especial, tendo em vista que, no escopo da Linguística Aplicada (LA), a formação de professores tradicionalmente busca mapear os desafios e buscar alternativas para o ensino de diferentes línguas. Sendo a LA uma ciência centrada no uso da linguagem e na sua relação com a vida social (PENNYCOOK, 1998; MOITA LOPES, 2009), torna-se necessário que as pesquisas atuais considerem essas demandas contemporâneas que trazem novas formas de (sobre)viver em nossa sociedade. Além disso, torna-se ainda mais necessário compreender as diferentes experiências de transição do ensino presencial para algo remoto, bem como o retorno ao presencial e o impacto de todas essas mudanças na vida de professores, estudantes e seus familiares.

A partir desse cenário, surge a indagação de como todas essas questões podem ser consideradas do ponto de vista do estudo da linguagem e da formação de professores. Assim, o presente trabalho busca contribuir nesta direção ao propor o estudo da experiência de uma estudante universitária de Letras na transição do ensino presencial para o remoto durante o isolamento social devido ao aumento de casos de COVID-19 no Brasil e no mundo. Do ponto de vista da linguagem, propomos um estudo do conceito russo *perezhivanie* advindo da teoria histórico-cultural de Vygotsky e seus desdobramentos para a Linguística Aplicada (LIMA; MAPA, 2022; MOK, 2015). Uma vez que o conceito lida com as complexidades da relação entre cognição e emoção para estudo do desenvolvimento humano, ele se revela uma alternativa interessante para compreender a experiência subjetiva de momentos tão particulares que impactam a vida do indivíduo, também descrito sob a forma de eventos críticos (WEBSTER; MERTOVA, 2007).

Dessa forma, e partindo destas considerações iniciais, propomos uma discussão do conceito de *perezhivanie segundo a* teoria histórico-cultural para, em seguida apresentar um desenho metodológico da geração e análise de dados. Em seguida, as narrativas emergem como o ponto central da análise, ilustrando as complexidades da vivência de fazer Letras em período pandêmico, na perspectiva de uma estudante universitária. Por fim, retomamos algumas questões centrais para ponderarmos sobre o potencial da perspectiva histórico-cultural e da pesquisa narrativa para estudo das dimensões subjetivas da experiência humana, por meio do estudo do conceito de *perezhivanie*.

1. PEREZHIVANIE: A FORMAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

A partir dos estudos de L.S Vygotsky (1934/2001, 1934/2012, 1999, 2019), encontramos as bases para investigar os desafios contemporâneos levantados anteriormente, sobre a experiência de viver no contexto pandêmico, a partir de um conceito russo chamado *perezhivanie*. Este termo foi utilizado por Vygotsky (1994, 2019) tanto no estudo da arte quanto da psicologia, ao considerar as diferentes formas que os seres humanos estabelecem (tomada de consciência) para elaborar um sentido para o que vivem e o impacto dessa consciência na sua trajetória de desenvolvimento. Em diferentes línguas, o termo vem sendo traduzido a partir de palavras distintas. Enquanto em língua inglesa é comum encontrarmos o termo russo traduzido como “experiência emocional” ou “experiência vivida”, ressaltando a relação entre o que se vive e como se percebe afetivamente aquilo que se vive (sensações), em espanhol, algumas traduções utilizam o termo “vivência”, reunindo cognição e afeto na proximidade do termo escolhido. Apesar das diferentes traduções, os trabalhos dialogam entre si por partirem das mesmas bases teóricas (VYGOTSKY, 1994, 2019), e nos últimos anos, a preocupação tradutória deu lugar ao uso frequente do próprio termo em russo, uma vez que nem sempre outras línguas conseguem representar a totalidade do sentido do termo em sua língua original, parcializando seu sentido linguístico.

Dessa forma, quando utilizamos o termo *perezhivanie* ao longo deste artigo, estamos considerando como unidade de análise um componente dinâmico da vivência humana, ou seja, um conjunto de experiências que são interpretadas pelo sujeito ao interagir com o meio e que se relacionam à história de seu desenvolvimento, sua ontogênese. Este conceito foi retomado nos estudos da teoria histórico-cultural e está presente em algumas áreas que estabelecem

diálogo como Educação, Psicologia e Linguística Aplicada (FLEER; GONZÁLEZ REY; VERESOV, 2017; GONZÁLEZ REY, 2017; LIMA, 2017; LIMA; MAPA, 2022; MOK, 2015; VERESOV, 2017).

De acordo com Vygotsky (1994, p.343) *Perezhivanie* “ [...] é um conceito que nos permite estudar o papel e a influência do ambiente no desenvolvimento psicológico da criança na análise das leis do desenvolvimento”¹. É importante contextualizar que essa definição utiliza o termo criança no texto pois é baseado em uma palestra de Vygotsky realizada entre os anos de 1933 e 1934, sobre desenvolvimento infantil, um tema importante em seus estudos de psicologia. Dessa forma, estamos lidando com um conceito que não se esgota ao fim da infância, assim como da mesma forma o desenvolvimento humano nunca se encerra, mesmo que uma criança se torne adolescente e depois adulto. Segundo Fleer, González Rey e Veresov (2017, p.09), o conceito “[...] aparece no início dos textos de Vygotsky em relação às concepções de social e individual como uma primeira tentativa de olhar para o social e o individual não como oposições, mas como uma unidade dialética”². Além disso, é uma alternativa para lidar com o determinismo com que muitos de seus contemporâneos defendiam como sendo o papel do contexto social na vida do indivíduo, que passivamente não escapa dos limites de sua realidade social. Para Vygotsky (2019), o meio social não é mero pano de fundo em que o desenvolvimento acontece. Ele é fonte de desenvolvimento em sua potencialidade. E apesar dos desafios de tradução aqui mencionados, *Perezhivanie* é, ao mesmo tempo, vivência e experiência emocional (o que se vive, se sente e o entendimento desse processo) e nos ajuda a entender como os seres humanos não são entidades isoladas, mas se beneficiam de uma cultura que revela os avanços de poder construir conhecimentos, preservá-los e compartilhá-los em atividades como a educação (ensinar e aprender).

Em uma leitura contemporânea, Veresov (2017) propõe que *perezhivanie* seja entendido a partir de duas perspectivas, tanto como um fenômeno psicológico que pode ser estudado (P1), quanto um conceito de unidade de análise do desenvolvimento humano (P2). A partir disso, Veresov (2017) indica algumas dimensões de estudo desse conceito para compreender não apenas o processo, mas também seu conteúdo, sendo elas o ambiente social, a situação social e

¹ No original em inglês, a partir do russo: “ is a concept which allows us to study the role and influence of environment on the psychological development of children in the analysis of the laws of development.”

² No original em inglês: “*perezhivanie* appears early in Vygotsky’s writings in relation to the conceptions of the social and the individual as a first attempt to look at the social and the individual not as oppositions, but as a dialectical unity”.

a situação social de desenvolvimento. Em primeiro lugar, é importante considerar que o **ambiente social** é aquele que rodeia o sujeito, não como um simples lugar físico ou cenário, mas como uma realização histórico-cultural. Além disso, vale considerar a **situação social** que é um componente integrante do ambiente social descrito anteriormente e que corresponde aos eventos que as pessoas vivem e que são compreendidos na perspectiva do sujeito, fazendo parte de seu desenvolvimento. Por fim, temos ainda a **situação social do desenvolvimento** que nos mostra a importância de considerar como os componentes anteriores se relacionam ao desenvolvimento construído na vivência, ou seja, como o contexto mais amplo e como os eventos vividos pelo indivíduo se relacionam na história das transformações que fazem parte de seu desenvolvimento.

A base deste trabalho se destaca na teoria Histórico-Cultural da formação de professores (DELLAGNELLO; VIEIRA-ABRAHÃO, 2020; LIMA, 2017; LIMA; MAPA, 2022), em diálogo com a Linguística Aplicada (LA) e com o conceito de *Perezhivanie* (vivência) presente nas obras de Vygotsky. O texto clássico *The Problem of the Environment* (Vygotsky, 2019)³ indica a base do pensamento que nos auxilia na análise do papel do ambiente social de uma criança e no processo do desenvolvimento de sua personalidade. Todavia, neste artigo consideramos o desenvolvimento de uma estudante adulta do curso de Letras, e como ela foi se constituindo ao longo de suas vivências e experiências emocionais. Segundo Mok (2015), é crescente a quantidade de estudos sobre os processos de ensino e aprendizagem de línguas voltados para a perspectiva do conceito de *perezhivanie*. Isso se deve, segundo o autor, à busca contemporânea de perspectivas qualitativas que valorizem a subjetividade do sujeito frente aos fenômenos que tradicionalmente eram interpretados pelos estudos linguísticos a partir de visões mais cognitivistas e estruturalistas (aquisição da nova língua, compreensão das estruturas linguísticas, apenas para citar alguns exemplos).

No mundo contemporâneo em que a linguagem revela cada vez mais as desigualdades da vida social e as injustas relações de poder (PENNYCOOK, 1998) entre pessoas, nações e culturas, temos como compromisso no fazer científico da LA buscar compreender as complexidades da experiência humana; mas, ao mesmo tempo, encontrar maneiras éticas e fidedignas de representá-las em nossos trabalhos. A perspectiva histórico-cultural na formação

³ Em tradução livre “O problema do meio”. Em língua inglesa, as principais traduções foram feitas por (VYGOTSKY 1994) e por David Kellogg e Nikolai Veresov (VYGOTSKY, 2019). No Brasil, encontramos uma tradução realizada por Zoia Prestes e Elizabeth Tunes.

de professores emerge nesse contexto, dado seu potencial de conceber os processos de ensinar e aprender como atividades culturalmente humanas que potencializam e transformam nossas relações sociais. E no campo da formação de professores, dentre os diferentes tipos de vivência, nota-se a lacuna de trabalhos voltados para o conceito de *perezhivanie* de estudantes e de futuros professores, observando os momentos críticos desse período que impactam o desenvolvimento do indivíduo. Partindo dessa premissa, neste artigo propomos a análise da vivência de uma estudante ao realizar uma mudança significativa na sua formação: uma transição para o contexto remoto e sem garantias de retorno imediato ao presencial devido ao contexto pandêmico. Essa vivência (*perezhivanie*) resultou em mudanças emocionais que caracterizam o modo como a estudante lida com a vida pessoal, o cenário de isolamento e sua formação profissional. Mais detalhes sobre essa proposta analítica são apresentados a seguir.

2. METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza por sua natureza qualitativa a partir do estudo de histórias de vida, na também chamada pesquisa narrativa (BRUNER, 2010; KITCHEN; PARKER; PUSHOR, 2011; TRAHAR, 2011; WEBSTER; MERTOVA, 2007). Em linhas gerais, A narrativa “[...] registra a experiência humana por meio da construção e reconstrução de histórias pessoais; ela é adequada para lidar com assuntos de complexidade e de centramento cultural e humano devido à sua capacidade de registrar e recontar aqueles eventos que mais nos influenciaram” (WEBSTER; MERTOVA, 2007, p.01)⁴. Na tradução de Vygotsky (2019) do russo para o inglês, sobre o conceito de *perezhivanie*, David Kellogg e Nikolai Veresov explicam que uma das formas de elaborar sentido da experiência subjetiva é pelo processo de narrativização, ou seja, a organização dessa vivência a partir de eventos sequenciados. Dessa forma, acreditamos que a pesquisa narrativa demonstra grande potencial para o estudo de *perezhivanie*, exatamente por privilegiar o ponto de vista do indivíduo e sua relação com a vida social.

A participante selecionada é uma estudante de Letras de uma universidade federal do Sudeste brasileiro. Por questões éticas de preservação de sua identidade⁵, ela será chamada pelo

⁴ No original em inglês: “Narrative records human experience through the construction and reconstruction of personal stories; it is well suited to addressing issues of complexity and cultural and human centredness because of its capacity to record and retell those events that have been of most influence on us”.

⁵ O estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade XXXXX com o CAAE: 0000-000-0000-0000. (Informações omitidas devido ao processo avaliativo da revista).

pseudônimo Emily Cândido. Ela ingressou no curso de Letras no segundo semestre de 2018, na opção de Licenciatura em Língua Portuguesa, e até o fim de 2019 já havia chegado ao terceiro período. Em março de 2020, após decretado o estado de emergência por conta da pandemia de COVID-19, as aulas presenciais do campus universitário foram suspensas. Dada a incerteza do cenário, suas aulas retornaram de forma remota (online) em agosto do mesmo ano e em um formato de atividades assíncronas chamado de Período Letivo Experimental (PLE) com duração reduzida e com foco em disciplinas eletivas. Após uma avaliação desta primeira tentativa e o iminente agravamento das ondas de contágio ao início de 2021, a universidade de Emily elaborou um plano estratégico de retomada de aulas ainda em formato remoto e com uma média de três semestres letivos naquele mesmo ano. Somente em 2022 é que sua instituição foi capaz de retomar as atividades presenciais, e foi quando Emily concluiu sua graduação.

As narrativas que aqui serão analisadas versam majoritariamente sobre a vivência da transição do ensino presencial para o remoto e os desafios de adaptação ao novo cenário e formato. Emily concedeu entrevistas individuais que foram gravadas em vídeo e, devido ao contexto de isolamento social, elas foram realizadas a partir da plataforma *Google Meet*. O roteiro era semiestruturado com perguntas abertas, mas a participante teve liberdade para relatar o que achava mais confortável. Após as entrevistas, os vídeos foram transcritos completamente em formato de texto, e, pelos procedimentos éticos adotados, nomes pessoais foram alterados para preservar a identidade da participante e de outras pessoas ou instituições citadas. A análise da narrativa foi realizada a partir da definição de eventos críticos. Para Webster e Mertova (2007), os eventos críticos emergem nas narrativas como pontos importantes de tomada de consciência, ou seja, algum tipo de compreensão dos fenômenos da vida cotidiana dos sujeitos. No estudo do conceito de *perezhivanie*, a tomada de consciência também desempenha um papel importante, assim como a relação do sujeito com o contexto social e seu potencial de prover desafios e novidades que geram novo conhecimento.

Para analisar as narrativas, tomamos como base as categorias de Webster e Mertova (2007) como norteadoras dos eventos críticos: o espaço (meio social), a estrutura temporal (como os eventos emergem ao longo do tempo), os eventos (recortes da experiência) e os personagens (pessoas e instituições/lugares). Ao viabilizar esses traços narrativos, os relatos foram analisados para compreender a vivência (*perezhivanie*) de Emily ao cursar Letras, mais especificamente a vivência da transição do ensino presencial para o formato remoto em

contexto pandêmico de isolamento social. Em vista da extensão dos relatos narrativos, propomos na próxima seção a apresentação de excertos que ilustram a perspectiva da participante que será analisada.

3. ANÁLISE DE DADOS

Em sua chegada no curso de Letras, a estudante Emily revelou mais apreço por áreas dos estudos literários e menos por áreas de estudos linguísticos (gramática, sintaxe, dentre outros exemplos). O início de seus relatos apresenta um ambiente social (VERESOV, 2017) rodeado por novas amizades e novas experiências que tornam os primeiros semestres do curso uma experiência motivadora, a ponto de querer se envolver mais com a experiência universitária. Neste primeiro excerto, ela nos apresenta o que vivia durante 2019, quando concluía seu terceiro período de curso.

EXCERTO 01

O fim de 2019 foi bem animado, porque eu fui para morar na mesma cidade do campus universitário, e eu pensei: agora eu vou conseguir participar das coisas todas, pegar as eletivas que eu quiser e que eu não tinha conseguido, **vai ser uma maravilha, porque vou conseguir viver a universidade**. E veio 2020, e fui para a cidade do campus e em duas semanas **veio essa pandemia doida** e tive que voltar. E aí ficou tudo online e eu pensei que pelo menos tinha conseguido ficar uns meses lá e agora era esperar passar esse negócio e voltar. E eu estaria indo para o quarto período do meu curso.

Com um sentimento de que não estava aproveitando o curso da melhor forma, pelas horas de deslocamento entre a casa de seus pais e a cidade universitária, Emily decide se mudar. Mas o que ela não imaginava é que enfrentaria uma pandemia que resultaria em isolamento social, limitando completamente seus planos da experiência universitária. O seu ânimo inicial para a nova fase de sua vida como estudante diminui e é tomado por uma surpresa com a notícia de que as aulas estavam suspensas, afetando também seu período ideal de curso. O que ela esperava que seria passageiro afetou ainda mais seus planos, a ponto de a retomada das aulas acontecer tardiamente, e ainda por cima no formato remoto, uma vez que as condições sanitárias ainda não eram favoráveis para o retorno presencial. A seguir, ela recorda o período inicial dessa nova vivência após o decreto de pandemia e isolamento social em março de 2020.

EXCERTO 02

Eu lembro que eu estava acompanhando pelo jornal, a minha mãe escuta a TV bem alta, então eu consigo ouvir do meu quarto. E o pessoal estava comentando de quando começaram a surgir os casos e eu não estava “botando fé” de que aquilo iria ficar ruim não. (...).E na segunda semana que eu iria voltar para a universidade os meus pais me falaram: “Se eu fosse você eu não iria porque esses casos estão muito altos, estão ficando muito graves”, [eles estavam] tentando me convencer a não ir. E eu falava que não... porque eu tinha um trabalho para entregar e o professor não falou nada e eu fui. Fiquei lá na segunda e terça, e acho que na terça à noite, a universidade deu a notícia de que iria suspender, aí eu falei para o meu pai e no mesmo dia ele foi me buscar de carro. Eu me lembro da minha última experiência dentro da sala de aula, eu tive aula de Didática [do ensino de Português] na segunda e [...] foi a última aula presencial que eu tive... **e eu já estava com o álcool em gel, mas ainda não tinha aquela coisa de um ficar longe do outro, sentou um colega nosso na minha frente e ninguém sabia o que iria acontecer agora.**

Mesmo acompanhando as notícias pelos jornais, a estudante não acreditava que a situação iria se agravar tanto, a ponto de resultar na suspensão das aulas. Depois de passar o final de semana na casa dos pais, mesmo sendo advertida por eles a não retornar, Emily sentia que aquele momento era passageiro e retornou para o campus universitário, para dias depois receber a notícia de que o cenário era mais sério do que ela havia antecipado. Suas últimas lembranças de aulas presenciais sinalizam o estranhamento de como seria aquele próximo cenário: usar álcool em gel e se aglomerar ainda fazia parte de sua experiência conhecida. Emily retorna para a casa de seus pais a partir da terceira semana de março de 2020, quando as aulas presenciais são suspensas (inicialmente) por quinze dias. Ela nos apresenta como foi esse momento de suspensão das aulas e suas primeiras impressões nos excertos a seguir.

EXCERTO 03

Na época, eu estava meio negacionista pensando que era só uma gripe, estava meio sem conhecer a doença real, só estava vendo que estavam tendo muitos casos e não estava entendendo que era uma doença muito perigosa e que tinha um alto contágio e pensava que daqui quinze dias as aulas voltariam. **E daí eu fui vendo qual era a real situação,** como que esse vírus funcionava e pensei que não iríamos voltar tão cedo. **No começo, eu estava negando porque eu não queria parar porque eu tinha acabado de voltar para a cidade do campus universitário, de ir pra lá de fato.** (...). Não tinha previsão de vacina e o que tínhamos de fazer era ficar em casa, se cuidar. E eu ficava muito irritada porque eu entrava na internet e as pessoas naquela coisa, fazendo festas e todo mundo se grudando umas nas outras, parecia que não conseguiam ficar em casa, eu ficava muito irritada.

A tomada de consciência de Emily veio com a percepção da seriedade do problema. O sentimento de confusão poderia estar ali presente pela ausência de conhecimento dela sobre o que seria uma pandemia, o despreparo e descaso das pessoas (negacionismo inicial da situação) e como tudo aquilo impactaria sua realidade cotidiana. Mais detalhes dessa nova realidade são apresentados a seguir:

EXCERTO 04

E eu ficava muito estressada com aquele presidente lá que não fez nada que presta. Porque foi assim... quando tiveram as primeiras notícias, o pessoal foi para o supermercado para fazer estoque de papel higiênico, e foi só ele (presidente) falar que era uma gripezinha que deu tudo errado. E ficava naquela incerteza porque todas as outras faculdades já iam retomando o ensino online, a [faculdade] da minha mãe, menos de um mês depois já estava online e algumas outras federais também e a universidade aqui nada. E eu me perguntava se iríamos ficar atrasados, o que a universidade estava esperando, o que estão pensando. E aí veio o período experimental e pensei: finalmente alguma coisa, né? Mas aí a gente continuou atrasado e vieram esses três períodos. Então foi assim: estresse atrás de estresse. Porque não podíamos sair de casa, então ficamos acordados esperando para dormir, era basicamente isso quando não estava tendo aula.

Podemos observar que a nova rotina da aluna de ficar em casa por conta do isolamento é caracterizada pela sensação de estresse. Como ela já estava acostumada com as aulas em contexto presencial, foi bem difícil aceitar certas situações de como as pessoas se comportavam no meio de uma pandemia, a falta de comunicação da universidade sobre um possível retorno das aulas, enquanto outras já migravam para o formato online ou EaD.

Mesmo quando a universidade comunicou a primeira tentativa de retomada (formato remoto), a expectativa inicial de alívio deu lugar ao estresse, pela sensação de um atraso de aulas que demoraria a ser resolvido, em meio à incerteza de quando o retorno presencial (que ela preferia) aconteceria. Percebemos então esse turbilhão de emoções que ela teve no início da pandemia e isolamento social (nas primeiras semanas de março de 2020), até o início do período remoto/online (nas últimas semanas de agosto do mesmo ano). Abaixo, ela descreve como foi esse novo cotidiano e como se sentiu passando por esse momento.

EXCERTO 05

Acordava, fazia algumas coisinhas, lia um livro e depois já dormia (...). Eu fiquei na minha cidade com a minha família e como eu fiquei naquela

expectativa de passar rápido, eu continuei pagando a minha casa na cidade do campus da universidade por 2020 inteiro, e quando chegou no final de 2020 as coisas não estavam tão boas e iriam demorar mais um tempo. E para não ficar gastando porque eu não estava indo para lá, fui só duas vezes no ano para dar uma limpada e pegar algumas coisas que eu tinha deixado. Eu decidi, conversando com o meu pai, que seria melhor encerrar lá e parei de pagar o aluguel.

Se anteriormente ela já se via impactada emocionalmente pela demora na retomada das aulas, a adaptação ao novo cenário não foi imediata, como se observa nos laços que ela ainda tentava manter mesmo em isolamento (pagando as despesas de moradia no campus universitário, na expectativa de poder voltar em breve). O conflito entre a expectativa de eventualmente voltar ao ensino presencial e a realidade de se manter isolada gerava nela ainda mais estresse. Esses conflitos entre um isolamento rápido (não concretizado) e o retorno imediato à realidade anterior (também não concretizado) definem o tom inicial frustrante da narrativa. Como mencionado anteriormente, entre o fim do Período Letivo Experimental (PLE) e a retomada dos semestres regulares, Emily teve um pequeno recesso e, a seguir, ela explora detalhes dessa experiência de aprendizagem remota mais prolongada.

EXCERTO 06

Foi meio **complicado, porque eu gosto muito de ter aula presencial** e aí quando eu fui ter aula online, **eu já sabia disso... que eu teria muita dificuldade**, porque em casa qualquer coisa me dispersa. Às vezes eu tenho certa dificuldade de concentração dependendo do que eu estou estudando. Então, **eu tinha muita dificuldade e ainda tenho dependendo de qual disciplina é**. Algumas disciplinas eu consigo prestar mais atenção, outras eu pego no telefone, e as vezes eu fico olhando para os meus livros do nada, fico uns cinco minutos olhando para os meus livros. **Eu sentia logo de cara que eu não estava aprendendo muita coisa**, porque eu não conseguia me concentrar, **qualquer coisa era mais interessante do que a aula**.

A estudante descreve como complicado o início da sua adaptação ao ensino remoto, causada pela pandemia da COVID-19. Ela sempre teve mais apreço às aulas presenciais, por não ter tido a experiência de curso no contexto remoto anteriormente, e teve algumas dificuldades nas aulas de certas disciplinas. A sensação dessa vivência era de deslocamento, de não se sentir presente ou pertencente àquele contexto, uma diferença bem distinta da realidade pré-pandêmica. O impacto mais evidente dessa situação social de desenvolvimento (VERESOV, 2017) era que o contexto remoto/online e o isolamento social afetavam sua aprendizagem. No próximo excerto é possível observar como aos poucos essa nova experiência foi fazendo mais sentido, a

ponto de conseguir se adaptar nesse contexto, desenvolvendo estratégias para aproveitar o isolamento. O crescente de emoções de Emily visto até aqui faz parte da sua vivência do começo e do avanço da pandemia. A estudante avança na sua vivência conforme vai entendendo o que está acontecendo e conforme as aulas vão retornando, primeiro sua experiência no PLE e depois nos semestres regulares.

EXCERTO 07

Mentalmente até que eu fiquei bem nesse período, porque tiveram algumas pessoas que falaram que ficaram mal. **Eu ficava mal quando eu via a falta de empatia de algumas pessoas**, o que deixava mal era entrar no meu Instagram e eu parei de acessar muito o meu Instagram pessoal, e ver as pessoas dando festas com 50 ou 100 pessoas. E eu pensava que tinha gente morrendo, sofrendo no hospital e o povo enfiando a noção não sei aonde.

Ao analisar esse momento crítico do primeiro ano da pandemia, ela narrativiza sua experiência como alguém que soube lidar com o cenário de isolamento. Mas parte dessa estratégia se deu para evitar o excesso de informações, especialmente advindos de suas redes sociais, pois percebia outros sinais do negacionismo coletivo que ela havia citado anteriormente. O descaso das pessoas era algo frustrante, ainda mais porque ela não podia estar junto de seus amigos e de outros familiares, pois levava a sério as medidas sanitárias. Ainda que ela tenha descrito sua atitude naquele momento como a de alguém que soube lidar com as novas condições da vida cotidiana, emoções negativas evidenciam os eventos mais críticos.

EXCERTO 08

Então, eu não estava otimista não, vendo que ele [o presidente] estava relutante, saíram as vacinas e ele relutante em comprar, então iria levar um tempo bom. (...). **E aí eu aceitei a situação do jeito que estava**, porque eu aqui no meu lugar de cidadã e a única coisa que eu podia fazer era ficar em casa, então eu fiz a minha parte. No Instagram, eu ficava falando muito para o pessoal ficar em casa, às vezes eu compartilhava alguma notícia ou outra, no meu privado para ver se alguém via. **Mas, somente depois que eu fiquei mais otimista por conta da vacinação.**

Outra tomada de consciência desse período é a passagem da surpresa inicial (uma expectativa de que seria algo rápido) para o que ela descreve posteriormente como falta de otimismo. Ela recorre às condições do ambiente social para explicar sua reação: uma combinação entre o cenário político de enfrentamento da pandemia, a falta de colaboração das pessoas e o iminente atraso no início da vacinação. Essa interpretação da experiência parece beirar um tipo

de conformismo, mas não no sentido de ter perdido suas esperanças, mas no sentido de manter a expectativa de que mesmo em face da falta de colaboração coletiva, as vacinas trariam mudança ao cenário de isolamento. Enquanto isso, sua adaptabilidade à experiência remota de ensino e aprendizagem ainda era marcada por alguns percalços que ela descreve nos próximos excertos.

EXCERTO 09

Foi bem estranho. Eu tive um estranhamento, porque eu nunca tinha tido aula online, o máximo que eu assistia era uma *live* ou alguma coisa do tipo. (...). Eu lembro que eu tinha que fazer uma resenha e eu fiquei pensando: Como é que se fazia uma resenha mesmo? Então, foi **meio estranho e eu não ficava satisfeita com nenhum trabalho que eu fazia**. Mas, no final eu consegui passar, **fui bem, mas foi tudo muito estranho**, sentar aqui no meu computador e entrar em uma aula online. (...) **A internet aqui não era muito boa**, e eu lembro que um dia eu estava na aula lendo um texto para o professor e eu fiquei caindo diversas vezes porque a internet nesta época era outra, então eu tive esse problema com internet.

Nesta primeira parte dos relatos, ela evidencia uma situação social de estranhamento da transição do presencial para o remoto. Além disso, o período entre a suspensão das aulas e a retomada do calendário acadêmico fez com que ela ficasse um tempo afastada das atividades universitárias, a ponto de ter a sensação de que havia se esquecido de como produzir um texto que era comum no contexto acadêmico (resenha). O ambiente social apresentava condições desfavoráveis: ter que estudar de casa, podendo facilmente se distrair no ambiente mais amplo, a falta de otimismo na ação das outras pessoas. E, como resultado, a situação social de desenvolvimento era a de que aquelas condições impactavam seu desenvolvimento na escrita de um texto que ela havia aprendido a produzir desde seu primeiro período de curso.

Sua vivência (*perezhivanie*) ao cursar Letras remotamente foi marcada pelas sensações de frustração e estresse. Ela exemplifica esse evento crítico ao descrever como também teve dificuldades de lidar com a metodologia adotada por alguns de seus professores durante o ensino remoto. O exemplo a seguir compreende uma disciplina da área de Educação chamada Fundamentos Pedagógicos:

EXCERTO 10

Eu lembro que eu odiava, porque o plano era mais ou menos assim: tinha um filme e um texto e aí a turma foi separada em grupos. E o grupo

daquela semana apresentava aquele filme e aquele texto, eu consegui escapar e não apresentei nenhum. Porque se você não apresentasse, você podia entregar um texto, mas eu não lembro o tipo de texto que era. Então toda a semana tinha um negócio para entregar ou você apresentava naquela semana, mas toda semana tinha um trabalho. **Então, já começou aquela exaustão ali com aquela disciplina, porque toda semana era um filme e um texto para ler e um negócio para entregar.**

Momentos antes desse relato, Emily nos confidenciou que, quando ainda estava no ensino presencial, havia iniciado essa mesma disciplina, e que mesmo no cenário pré-pandêmico havia tido dificuldades com o formato das aulas. Ela tinha expectativas de que, na transição para o formato remoto, a disciplina pudesse ser reformulada, mas elas não se concretizaram. O cenário remoto é descrito como exaustivo por demandar alta produtividade semanal isolada (assistir a filmes e elaborar textos para entregar) e por ter interações mais engessadas (apresentação a partir dos temas e conteúdos dos filmes/textos). Outras tentativas de elaborar sentido podem ser observadas no próximo excerto.

EXCERTO 11

Eu acho que estava me sentindo meio deslocada, não parecia que eu estava tendo aula de fato, que eu estava na universidade. A princípio eu sentia que eu estava fazendo alguma coisa, mas que não estava estudando, **então eu tive essa dificuldade.** (...). Então, quando eu fui pegar... **eu tive esse estranhamento,** eu não estava lendo nada mais dentro da academia, estava lendo só as coisas que eu queria. Então quando voltou eu tive que voltar a ler artigo, voltar a assistir aula de um jeito diferente, de **um jeito que eu não estava acostumada.**

A vivência do deslocamento traz uma visão bastante subjetiva daquele evento crítico: aulas remotas que não pareciam aula, uma experiência universitária dentro do seu próprio quarto e com uma conexão limitada de internet. Isso nos faz pensar em um esvaziamento de sentido (VYGOTSKY, 1934/2012) do que representava para ela uma “aula” ou estar na “universidade”. A nova realidade remota confrontou a maneira como via seu curso, algo que, ao início dessa narrativa, ela descrevia com tanto apreço e afeto. Mesmo assim, essas dificuldades não a impediram de continuar com as atividades do curso. A seguir, ela detalha como essas experiências foram se repetindo ao longo dos outros semestres remotos que se seguiram.

EXCERTO 12

O quarto período eu fiz tranquilo, tive uns perrengues com algumas disciplinas, normal. Mas aí quando chegou no quinto período eu já estava de saco cheio, **ficava e [ainda] fico naquele loop de não aguentar mais.**

Eu estou de saco cheio de ter aula online, porque chegou num estado que mesmo se eu gostasse da disciplina, **eu não estava animada** para entrar. Toda hora era uma reunião, um link no [Google] Meet. Então, **chegou no quinto período eu estava achando tudo muito chato. Eu sentia que não tinha mais nada de legal no curso, toda disciplina eu achava chata.** Do quinto para o sexto período **só teve uma disciplina que me deu vontade de entrar na aula, que eu gostava de participar, que eu ligava a câmera por vontade própria e sem a professora pedir.** O resto eu só pensava em terminar para descansar, e um descanso que foi curto. Nós tivemos menos de um mês direito e aí já voltou, **e eu estou com esse sentimento de que preciso voltar para o presencial porque eu não estou aguentando mais. Este desgaste é pelo cansaço, parece que não tiramos um tempo para ficar longe da faculdade. Porque é muito bom estar na faculdade, mas a gente precisava desse tempinho longe para recarregar as energias.** E a gente não teve isso né, foram quinze dias que passaram voando.

Este longo relato retrata a transição entre os períodos letivos comuns (o quarto iniciado em janeiro de 2021 e o quinto em junho do mesmo ano) após o fim do Período Letivo Experimental (outubro/novembro de 2020). As dificuldades permaneceram, mas o diferencial é que, como os recessos eram demasiadamente curtos, ela revela ter chegado ao seu limite, uma possível estafa. Mesmo no curso que sempre gostou, cursá-lo naquelas circunstâncias havia adquirido um novo sentido. As disciplinas não eram mais interessantes, e o desejo de voltar ao presencial se intensificava como a maior expectativa. O impacto de todo esse cenário é analisado por ela no próximo excerto:

EXCERTO 13

Elas mudaram justamente por conta do ensino remoto, por estar achando tudo chato. Eu lembro que um dia eu entrei para ver as disciplinas que faltavam para eu cursar, e aí eu fiquei pensando se seria tudo chato do jeito que está sendo? **Será que no resto do meu curso eu vou estar de saco cheio dele? Ou quando as coisas normalizarem eu vou voltar ao normal?** Então, em partes, eu estou nessa de estar achando um saco, **por não estar gostando de fato, ou porque tem a pandemia no meio do caminho. Na minha resposta é que tem a pandemia no meio do caminho, porque tem muita coisa que eu acho legal e que por ser online fica mais cansativo.** Eu lembro que eu não tinha problema em ligar a câmera no começo, eu entrava na aula e ligava. Mas eu comecei a me sentir estranha ligando a câmera, porque os meus colegas não ligavam a câmera. Esse negócio de eu não estar me sentindo na sala de aula **é um pouco complicado porque eu sinto muita falta de estar no presencial, então eu acho que quando as coisas voltarem ao normal, porque o problema não está no curso, mas em ser online.**

Na conjuntura das experiências do ensino remoto, estas novas vivências impactavam a visão que Emily tinha do curso que sempre quis fazer e que tanto gostava. Neste excerto, ao dizer “elas mudaram”, Emily fala sobre as expectativas que tem sobre o curso. Ao citar o exemplo das disciplinas que ainda iria cursar, ela vislumbra um cenário cogitando que talvez o problema do atual desinteresse seria o curso em si. Mas, ao fim de seu relato, conclui que é a situação social que impacta aquela experiência de fazer Letras. Em sua leitura daquele momento, o retorno ao presencial resolveria grande parte daqueles problemas. Neste recorte narrativo, Emily encerra seu relato consciente da gravidade daquele momento e do impacto dessa nova realidade em sua experiência universitária. Ainda assim, ela demonstra sinais de que esses percalços não lhe desviaram de seu objetivo inicial de cursar Letras. Somente em janeiro de 2022 é que as aulas presenciais de Emily foram retomadas, e em outubro do mesmo ano ela concluiu presencialmente seu último período de curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar a vivência de uma estudante de Letras no processo de transição do ensino presencial ao remoto devido ao período pandêmico da COVID-19. Partindo do conceito de *perezhivanie* (VYGOTSKY, 1994, 2019), em uma perspectiva histórico-cultural (FLEER; GONZÁLEZ REY; VERESOV, 2017; GONZÁLEZ-REY, 2017; LIMA; MAPA, 2022; MOK, 2015; VERESOV, 2017), buscamos compreender por meio de narrativas (TRAHAR, 2011; WEBSTER; MERTOVA, 2007), a perspectiva do sujeito acerca daquela vivência em relação ao ambiente social (a cultura e o momento histórico que rodeiam o sujeito), a situação social (os eventos compreendidos pelo sujeito) e a situação social de aprendizagem (como o ambiente e a situação social se relacionam ao desenvolvimento do sujeito) na sua tomada de consciência.

A vivência (*perezhivanie*) ao cursar Letras no cenário pandêmico é entendida a partir de um emaranhado emocional complexo, uma vez que os diferentes eventos causam reações distintas, bem como formas variadas de expressar essa vivência em palavras (tomada de consciência). As primeiras tensões do relato narrativo se voltam ao desejo da estudante em mudar-se para a mesma cidade do campus universitário, mas essa experiência é impactada poucas semanas depois, após a suspensão das atividades presenciais. As primeiras reações emocionais da estudante foram a descrença na seriedade da situação. No entanto, com a progressão do aumento do número de casos, a tomada de consciência é mais rápida, permeada

imediatamente pela frustração de perceber que aquela situação social se agravou pela falta de comprometimento coletivo em colaborar com o isolamento social (uma vez que naquele primeiro ano as vacinas ainda não estavam disponíveis).

O aspecto emocional se intensifica ainda mais quando ela se vê incomodada com a demora do retorno de suas aulas e ao mesmo tempo com a falta de contato com sua universidade, enquanto outras já elaboravam planos alternativos. No cenário mais amplo, sua frustração se intensifica quando considera a postura dos governantes sobre o enfrentamento da pandemia. E, ao mesmo tempo em que essa tomada de consciência era evidente, laços com a realidade pré-pandêmica se mantinham, na expectativa de que isso voltasse a ser uma realidade (como relatado no exemplo de continuar pagando as despesas de moradia no campus universitário), até que, de fato, ela rompe com mais esse laço, entendendo que o isolamento seria prolongado.

Após essa descrição do ambiente social de sua vivência (*perezhivanie*) (VERESOV, 2017), ela prioriza seus relatos nos eventos críticos da transição do ensino presencial para o remoto. A narrativa evidenciou o estranhamento da realidade remota, a sensação de desaprendizagem, ou dificuldade de aprender. Ainda que ela acredite que tenha sabido lidar com essa nova experiência, as emoções que emergem em seu relato são descritas a partir das sensações de frustração com o enfrentamento do país, estranhamento do novo formato remoto e deslocamento em relação à experiência de cursar Letras a partir da sobrecarga de atividades e do prolongamento do isolamento social. Por fim, a sua vivência sinaliza a exaustão de toda aquela realidade e a expectativa do retorno ao presencial. E mesmo nesse evidente cenário de desgaste, ela demonstra separar a experiência de cursar Letras com o impacto do cenário pandêmico, de forma que, por mais que o ambiente social tenha impactado sua situação social de desenvolvimento (no curso de Letras), ela não esgotou o sentido que vinha construindo da experiência universitária, e avançava a cada nova etapa esperando pelo retorno presencial.

A vivência (*perezhivanie*) de Emily ao cursar Letras remotamente mostra como a relação do sujeito com o meio é mais complexa do que supõe uma tradicional relação determinista. Dito de outra forma, enquanto o esperado seria que todas essas relações afetivas complexas (e em alguns momentos tensionadas) direcionassem o curso de sua história para uma eventual desistência do curso (ou pelo menos para um trancamento de matrícula), ela reage numa direção

oposta: reconhece as especificidades da situação, o impacto delas no seu desempenho durante o curso. No entanto, os percalços relatados não alteram o objetivo final, que é sua formação em Letras, nem esvazia o significado dessa experiência, que para ela é sempre afetivamente interessante desde o início. Acreditamos que estudos dessa natureza podem contribuir com os trabalhos que se interessam pelas trajetórias profissionais em desenvolvimento nos cursos de formação de professores, como é o caso do curso de Letras. Além disso, pesquisas na perspectiva histórico-cultural podem ampliar o debate de estudo das atividades humanas a partir das relações complexas entre o cognitivo e o afetivo, entre o social e o individual, de forma que seja possível compreender mais de perto como as pessoas vivem suas vidas, e o impacto das vivências (perezhivanie) na história de cada desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BRUNER, J. Narrative, Culture and Mind. In: SCHIFFRIN, D.; DE FINA, A.; NYLUND, A. (Orgs.). Telling Stories: Language, Narrative and social life. Washington: Georgetown University Press, p.45-50, 2010.

BROCHADO, M. Educação remota online: excessivo trabalho imposto aos professores. Estadão. São Paulo 12 de Abr. de 2020. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/educacao-remota-online-excessivo-trabalho-imposto-aos-professores/>>. Acesso em 16 de Nov. de 2022.

FLEER, M.; GONZÁLEZ REY.; VERESOV, N. Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky's Legacy. Springer, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. Advances in Subjectivity from a Cultural-Historical Perspective: Unfoldings and Consequences for Cultural Studies Today. In: FLEER, M.; GONZÁLEZ REY.; VERESOV, N. Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky's Legacy. Springer, 2017, p.173-194.

KITCHEN, J.; PARKER, D.C.; PUSHOR, D. Narrative Inquiry into curriculum making and teacher education. Bingley: Emerald Publishing Group, 2011. 297p.

LIMA, F. S. Trajetórias em espiral: a formação histórico-cultural de professores de Inglês. 2017. 318 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2017.

LIMA, F. S.; MAPA, T. V.P. O caminho até o curso de Letras: perezhivanie, narrativas e meio social. Revista Horizontes De Linguística Aplicada, v.21, n.2, 2022, p.01-12.

MOK, N. Toward an understanding of perezhivanie for Sociocultural SLA research. Language and Sociocultural Theory, v.2, n.2, 2015, p.139-159.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, J. Em meio à rotina de aulas remotas, professores relatam ansiedade e sobrecarga de trabalho. El País Brasil. São Paulo, 21 de Mai. de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/em-meio-a-rotina-de-aulas-remotas-professores-relatam-ansiedade-sobrecarga-de-trabalho.html>>. Acesso em 16 de Nov. de 2022.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998, p. 23-49.

TRAHAR, S. (Org.). Learning and Teaching Narrative Inquiry: traveling in the borderlands. Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2011. 178p.

VERESOV, N. The Concept of Perezhivanie in Cultural-Historical Theory: Content and Contexts. In: FLEER, M.; GONZÁLEZ REY.; VERESOV, N. Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky's Legacy. Springer, 2017, p.47-70.

VYGOTSKY, L.S. The problem of the environment. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (Eds.). The Vygotsky Reader. Cambridge: Blackwell Publishing, p.338-354, 1994.

VYGOTSKY, L.S. Thought and Language. Expanded and revised. Cambridge, MA: MIT Press, 1934/2012. 307p.

VYGOTSKY, L.S. The collected works of L.S. Vygotsky: Vol. 6. Scientific Legacy. New York: Plenum Press, 1999. 334p.

VYGOTSKY, L.S. Thought and Language. Expanded and revised. Cambridge, MA: MIT Press, 1934/2012. 307p.

VYGOTSKY, L. S. The Problem of the Environment in Pedology. In: VYGOTSKY, L.S. L.S. Vygotsky's Pedological Works. Volume 1, Foundations of Pedology. Trad. David Kellog e Nikolai Veresov. Springer Nature Singapore: Springer, p.65-84, 2019.

WEBSTER, L.; MERTOVA, P. Using Narrative Inquiry as a Research Method: an introduction to using critical event narrative analysis in research on learning and teaching. London/New York: Routledge, 2007.

Fernando Silvério de LIMA

Professor Adjunto de Língua Inglesa e Linguística Aplicada no Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP/IBILCE. Pesquisador do Programa de Pós-graduação em Letras (POSLETRAS – UFOP) e líder do Grupo de Pesquisa LAEHC – Linguística Aplicada e Estudos Histórico-Culturais (UFOP/CNPq). *limafsl@hotmail.com*

Tátima Venâncio de Paula MAPA

Professora de Língua Inglesa da Educação Infantil de Mariana, Minas Gerais. Graduada em Letras Licenciatura – Inglês pela Universidade Federal de Ouro Preto. Pesquisadora do Grupo LAEHC – Linguística Aplicada e Estudos Histórico-Culturais. (UFOP/CNPq). *tatimamapa@gmail.com*